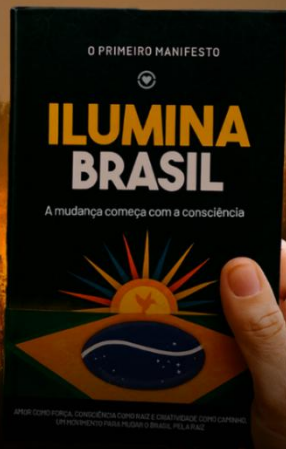


CAPÍTULO AVULSO DO
MANIFESTO ILUMINA BRASIL



CAPÍTULO 3
BRASIL EM ESTADO
DE COLAPSO

Este é um capítulo avulso do livro
Ilumina Brasil – O Primeiro Manifesto.

Um movimento que escolhe colocar
a consciência no centro, organizar o
amor como força política e
direcionar a criatividade para
transformar o Brasil.

Um gesto vivo diante de um mundo
em colapso, onde a inércia já não é
opção.

**Acesse todos os capítulos,
audiobooks e conteúdos, adquira o
livro impresso e participe da
comunidade em:**

www.iluminabrasil.org
Instagram: @ilumina.brasil

FICHA TÉCNICA / DIREITOS AUTORAIS

Título: Ilumina Brasil – O Primeiro Manifesto
Autor e organizador: Juan Pablo Bosch Alvarez
Projeto editorial: Instituto Ilumina Brasil

ISBN: 978-75-01-50715-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro – sem permissão prévia por escrito do Instituto Ilumina Brasil, exceto em citações breves com fins educativos, culturais ou não comerciais, desde que citada a fonte.

Primeira edição: Brasil, 2025
Instituto Ilumina Brasil | www.iluminabrasil.org
Contato: contato@iluminabrasil.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Juan Pablo Bosch
Ilumina Brasil: a mudança começa com a consciência / Juan Pablo Bosch Alvarez.

1. ed. – São Paulo : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-50715-6

1. Consciência 2. Cultura e sociedade 3. Filosofia 4. Futuro -
Perspectivas I. Título.

25-276791 CDD-100

Índices para catálogo sistemático: 1. Filosofia 100
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

O BRASIL EM ESTADO DE COLAPSO

**QUANDO A CATÁSTROFE JÁ
VIROU ROTINA E QUASE
NINGUÉM PERCEBE.**

Antes de falar em soluções, e nos caminhos que ainda podem devolver sentido e esperança, é preciso nomear o que já está doendo. O colapso no Brasil não é futuro, é presente. Está acontecendo diante dos olhos de todos. Reconhecer isso não é pessimismo, é lucidez e responsabilidade.

Este capítulo não alerta para algo que virá, é um retrato do que já está em curso, muitas vezes disfarçado de rotina. O

que segue não é exagero, é convocação. Porque só aquilo que é visto com clareza pode ser transformado. O colapso não é mais uma ameaça distante, ele está aqui, encarnado no cotidiano e camuflado no silêncio. Mora entre nós e nos atravessa.

O Brasil, que abriga a maior biodiversidade do planeta, uma cultura pulsante e saberes ancestrais profundos, tornou-se um espelho vivo da crise global. Uma terra sagrada

sendo queimada por dentro.

Uma potência sufocada por um sistema que destrói justamente o que deveria proteger. É hora de parar de tratar a emergência como exceção. Só quem reconhece a gravidade do que vive pode responder com a força que a realidade exige.

O BRASIL DAS CONTRADIÇÕES

Poucos lugares expressam o colapso com tanta clareza e contradição quanto o Brasil. Somos potência e tragédia ao

mesmo tempo. Terra de milagres e negligências, um país onde tudo vive, mas quase nada floresce como poderia.

Temos rios imensos, aquíferos profundos e chuvas abundantes. Possuímos uma das maiores reservas de água doce do mundo. E ainda assim, cerca de 33 milhões de brasileiros vivem sem acesso à água potável (Instituto Trata Brasil, 2024). É como se toda a população das regiões Norte e Centro-Oeste juntas vivesse

sem aquilo que deveria ser o mínimo: água limpa.

Desde 1970, o Brasil já perdeu cerca de 769 mil km² de floresta amazônica, uma área equivalente a duas vezes o tamanho da Alemanha. Restam apenas 12% da cobertura original da Mata Atlântica. Mais de 50% da vegetação nativa do Cerrado foi convertida, principalmente para uso agropecuário (MapBiomas, 2021). O que chamam de crescimento tem

sido, na prática, a conversão da vida em lucro e do futuro em deserto.

Somos um povo musical, generoso, espiritual, e ao mesmo tempo lideramos em depressão na América Latina, com mais de 11 milhões de pessoas afetadas, e em ansiedade no mundo, com 18,6 milhões de brasileiros (OMS, 2025). O corpo está doente, a mente sobrecarregada, o coração cansado.

Temos uma das maiores democracias do planeta, mas 64% da população não se lembra do nome do deputado federal em quem votou nas últimas eleições (Datafolha, 2022). A política foi transformada em teatro e a participação, em deserto. O Brasil despencou para a 107^a posição no Índice de Percepção da Corrupção, sua pior colocação desde o início da série histórica (Transparência Internacional, 2024).

No topo disso tudo, 1% da população brasileira concentra 63% de toda a riqueza do país, enquanto os 50% mais pobres detêm apenas 2%. E o abismo não para aí: os 0,01% mais ricos, uma minúscula elite, controlam sozinhos 27% dos ativos financeiros nacionais (Oxfam, 2024).

Essa não é a história de um país sem recursos. É a história de um país que insiste em trair sua vocação. Não nos falta inteligência, nem beleza, nem

sensibilidade. O que falta é visão de conjunto, organização e coragem de romper com a lógica que nos afunda. Somos um corpo imenso, cheio de dons, mas vivendo em estado febril. Um território sagrado sendo dilacerado por dentro. Isso precisa parar de parecer normal.

O COTIDIANO QUE JÁ MUDOU

O colapso não chegou como um estouro, ele se instalou em silêncio, espalhando-se pelos

rituais do cotidiano como se fizesse parte deles. Agora está entranhado em tudo, naturalizado pelo hábito e escondido na pressa. Já não assusta porque se repete e se tornou parte da paisagem.

Nas escolas públicas, o calor extremo paralisa as aulas, crianças desmaiam em salas sem ventilação. Em cidades como Cuiabá, Rio Branco e Teresina, houve paralisações por temperaturas acima de 40 °C (Folha de S.Paulo, 2023).

O aprendizado derrete com o asfalto.

No Norte, rios viram poeira. Em 2023, a Amazônia enfrentou a pior seca em mais de um século, barcos encalharam, alimentos e remédios não chegaram (Agência Brasil / Governo do Amazonas, 2023). A floresta secou e, com ela, secou também a segurança de quem vive à margem da abundância.

No Sul, as enchentes deixaram de ser exceção. As

chuvas históricas de 2024 no Rio Grande do Sul atingiram 78% dos municípios e causaram bilhões em prejuízos (Governo do RS, 2024).

Nas cidades costeiras, o mar avança. Em Recife e Santos, ruas e casas já sofrem inundações recorrentes. Estudos indicam que até 2030, cerca de 1,3 milhão de brasileiros poderão ser afetados pelo aumento do nível do mar (Prefeitura do Recife,

2024; Climate Central / EcoDebate, 2024).

Nos grandes centros, o colapso é mais sutil: calor extremo nas periferias, transporte precário, insegurança hídrica, jornadas com mais de dez horas fora de casa. A sobrevivência esgota o corpo. No Rio, comunidades enfrentam tiroteios, racionamento de água e enchentes, tudo no mesmo dia.

O transporte falha, o alimento é barato e tóxico.

Ultraprocessados já representam 20% das calorias consumidas no país, alimentando uma série de doenças crônicas. Projeções indicam que, até 2044, 48% dos adultos brasileiros terão obesidade, e mais 27% estarão com sobrepeso (NUPENS/USP, 2023; Fiocruz, 2024).

O colapso urbano também é emocional: ansiedade, insônia, estafa, depressão. O Brasil lidera o ranking global de

transtornos de ansiedade, com 9,3% da população afetada. Em 2024, 68% dos brasileiros relataram sentir-se ansiosos, nervosos ou muito tensos (OMS, 2019; Instituto Cactus, 2024). O trânsito é um campo de guerra emocional. O consumo anestesia, enquanto a vida se desfaz entre boletos e notificações.

O país já está se adaptando, não por escolha, mas por necessidade. Comunidades constroem diques, famílias se

mudam, escolas alteram
calendários, sistemas públicos
colapsam. E tudo continua
como se fosse normal.
Seguimos postando,
trabalhando, fingindo controle.
Mas algo se rompeu. E quanto
mais tentamos ignorar, mais
fundo afundamos. O cotidiano
já mudou e negar isso não é
mais ignorância, é
cumplicidade com o colapso.

QUEM SOFRE PRIMEIRO (E SEMPRE)

O colapso não é neutro, ele tem alvo. E num país marcado por séculos de exclusão, o peso da crise recai primeiro sobre os mesmos de sempre, os que sustentam tudo com o próprio corpo e ainda assim são os primeiros a cair quando a estrutura cede.

São as mulheres negras das periferias que mantêm o cotidiano funcionando entre o trabalho mal pago, o cuidado

não remunerado e a luta por sobrevivência. Elas fazem o Brasil funcionar, mesmo quando o país insiste em ignorá-las.

São as crianças das favelas, do sertão, das aldeias. Crescem entre calor, fome, precariedade e medo. 8,1% dos adolescentes de 15 a 17 anos estão fora da escola e, entre eles, mais de um quarto deixou de estudar para trabalhar. Quase 40% das crianças de até 4 anos vivem em lares com algum grau de

insegurança alimentar, sendo 4,5% em situação grave (IBGE, 2023). Crianças sem infância, sem escola regular e sem espaço para sonhar.

São os povos indígenas e ribeirinhos, empurrados para fora de seus territórios por grileiros, garimpos e agora também pela seca, pelo fogo, pelo fim do ciclo das águas. São os trabalhadores precarizados, adoecidos por jornadas abusivas, metas impossíveis e ausência de cuidado. Segundo

a ISMA-BR, 72% dos brasileiros relatam estresse no trabalho, e 32% sofrem de Síndrome de Burnout (ISMA-BR, 2023). O trabalho, que deveria ser fonte de sustento e realização, tornou-se vetor de exaustão.

O colapso atinge todos, mas dói mais onde já existia ferida. Aprofunda a desigualdade. E a desigualdade, por sua vez, acelera o colapso. Mas nesses corpos também pulsa a resistência, a dignidade que

insiste, a força que sobrevive ao desamparo.

No semiárido, mulheres agroecológicas já reinventam o presente, cultivam em quintais, organizam cisternas, cuidam da terra como cuidam do próprio corpo. Elas não esperam o futuro, elas o constroem. Se há um novo mundo, ele começa onde tudo sempre foi mais difícil, mas nunca deixou de pulsar.

ENQUANTO ISSO, NO TOPO...

Enquanto os mais vulneráveis enfrentam o colapso com o próprio corpo, parte da elite brasileira, econômica, política e intelectual, ainda vive como se estivesse acima da maré. Cercada por muros, ar-condicionado e jatinhos, opera dentro de um sistema que já dá sinais evidentes de exaustão.

O sistema político funciona à deriva e projetos de longo prazo se tornaram promessas

vazias. Decisões estratégicas se reduzem a lobbies e conveniências. A democracia se esvazia não só por ameaças autoritárias, mas por descrença, desinteresse e distância.

Parte do empresariado segue lucrando com modelos que envenenam a terra, exploram pessoas e exaurem ecossistemas. Mas até esses lucros começam a ruir: safras instáveis, cadeias travadas,

mercados tensos,
consumidores esgotados.

Nas cidades mais ricas,
cresce o medo: da violência, da
instabilidade, da revolta.
Mesmo nos bairros mais
protegidos, a insegurança
aumenta (IPEA, Atlas da
Violência, 2023). A
desigualdade escancarada
virou ameaça concreta e a
bolha está trincando.

E mesmo entre os que têm
tudo, a saúde mental afunda
em silêncio. No topo, o colapso

não se manifesta como ausência, mas como excesso: de cobranças, de isolamento, de velocidade. Alta performance já não é potência, é cansaço com cara de sucesso.

No Brasil, quase metade dos trabalhadores relata estresse constante, e apenas um terço se sente engajado no que faz (Gallup, 2024). A dor psíquica atravessa todas as camadas, mas no topo, ela se máscara de produtividade.

O colapso também chega ali, mas com outra estética. A fome se transforma em compulsão, a lama cede espaço à ansiedade constante e a ausência se camufla no excesso. Tudo parece disponível, acessível, abundante, mas quase nada sustenta de verdade.

O PREÇO DO COLAPSO

O colapso não é apenas devastador, ele é insustentável e sai caro, para todos. A

destruição tem preço, e ele já está sendo pago com dinheiro público, prejuízos privados, sofrimento cotidiano e comprometimento do futuro.

Em 2024, as enchentes no Rio Grande do Sul causaram mais de R\$ 10 bilhões em prejuízos diretos, atingindo 96% dos municípios. Casas destruídas, infraestruturas arrasadas, produções perdidas e famílias recomeçando do zero, pela quarta vez em uma década (CNM, 2024; Defesa

Civil RS, 2024). A água levou tudo, menos a coragem de recomeçar.

A seca histórica de 2024 paralisou a economia fluvial, afetou a indústria de Manaus e deixou mais de 630 mil pessoas isoladas. Produtos desapareceram, combustíveis e alimentos ficaram escassos (Defesa Civil do AM, 2024). O agronegócio, pilar do PIB brasileiro, já sofre com safras imprevisíveis, erosão, pragas intensificadas e estresse

hídrico. A produção perdeu estabilidade e o risco aumentou.

Segundo o Banco Mundial, eventos climáticos extremos causam perdas anuais de R\$ 13 bilhões no Brasil. E, sem adaptação, milhões poderão ser empurrados para a pobreza extrema até 2030 (Banco Mundial, 2023).

Na saúde, os custos explodem. Mais da metade da população adulta convive com ao menos uma doença crônica.

Cerca de 37% dos brasileiros com mais de 50 anos vivem com dor crônica (IBGE, 2019; Ministério da Saúde, 2023). Estafa, obesidade, depressão e transtornos mentais sobrecarregam o SUS. Para a maioria, o sistema privado é inacessível.

A produtividade despenca. O Brasil tem um dos piores índices de engajamento no trabalho (Gallup, 2022). Um país esgotado não inova e uma população emocionalmente

exausta não sustenta nenhum futuro.

A desigualdade, além de injusta, gera instabilidade. Quanto mais concentrada a riqueza, mais frágil o tecido social e quanto mais instável a base, maior o risco de rupturas.

O que custa caro não é mudar, é insistir no que já está falido. A fatura da inércia e da indiferença não para de crescer e está sendo paga com dinheiro, saúde, dignidade, tempo e paz.

BRASIL: FAROL OU RUÍNA?

O Brasil não é apenas um território em colapso, é também um território de decisão. Uma encruzilhada viva, podemos ser símbolo do fim ou semente do começo.

Poucos lugares concentram tanto risco e tanta potência ao mesmo tempo. Aqui convivem as maiores florestas tropicais do planeta e o agronegócio que mais desmata. Povos originários e cidades

desumanizadas, sabedoria ancestral e sofrimento crônico. Tudo pulsa, para cima ou para o abismo.

Mas ainda há caminho, ainda há escolha. Temos o que o mundo mais precisa: florestas vivas, águas profundas, cultura afetiva, espiritualidade enraizada, criatividade resiliente. Se deixarmos de trair nossa vocação, temos o potencial para liderar a transição.

As sementes já existem, há um outro Brasil nascendo à margem da lógica dominante. Podemos ser laboratório de um novo modelo. Reorganizar a vida com base em saúde, justiça, regeneração e consciência. Mostrar que ainda não é tarde, se formos profundos, rápidos e verdadeiros.

Mas essa virada exige ruptura interior e mobilização coletiva. Exige articulação política, cultural e espiritual.

Exige um Brasil que pense com o coração, aja com consciência e transforme com coragem.

Que se reconheça e se levante.

A questão já não é se ainda temos tempo. É o que faremos com o tempo que nos resta. O mundo olha para o Brasil como espelho, mas talvez precise nos ver como semente. Podemos ser farol, mas um farol só cumpre seu papel se estiver aceso. E o que acende esse farol é a nossa decisão de iluminar. Ou despertamos

agora, ou deixaremos que uma terra sagrada seja traída por dentro e esquecida por fora. Mas se acendermos esse farol, ainda há caminho, ainda há futuro.

OFERECIMENTO:



ILUMINA
BRASIL

A mudança começa com a consciência

Ilumina Brasil é um movimento que existe para despertar, conectar e organizar pessoas – até que a consciência esteja presente em cada espaço da vida comum.

Vivemos um colapso civilizatório – ecológico, social, político, econômico e espiritual. E o mais grave não é a

crise em si, mas a inércia diante dela. O Ilumina Brasil surge como resposta organizada e estratégica a esse tempo.

Nossa raiz é a consciência. É dela que nasce a força para regenerar o Brasil.

Unimos três forças vivas — Consciência, Amor e Criatividade — que despertam, organizam e direcionam a mudança. Nossa visão se desdobra em oito dimensões da vida — da Terra e do corpo à educação, política, economia, propósito e espiritualidade — como campos de transformação coletiva.

Com comunicação de impacto, educação, arte, mobilização e redes de colaboração, despertamos e conectamos pessoas para que a

esperança se torne força concreta a favor da vida.

O Ilumina é, ao mesmo tempo, movimento, rede e instituto. Nosso compromisso é simples e radical: transformar o Brasil pela consciência.

Saiba mais em
www.iluminabrasil.org

Se este capítulo fez sentido para você, fortaleça o movimento:
www.iluminabrasil.org/fortaleca

Leia, ouça e compartilhe o manifesto completo em:
www.iluminabrasil.org/manifesto

JUNTE-SE AO ILUMINA BRASIL

O Ilumina Brasil não é um projeto, uma marca ou uma ideia. É um movimento vivo, feito por pessoas que decidiram cuidar da vida com mais verdade, mais coragem e mais beleza.

Se algo em você despertou durante esta leitura, talvez o Ilumina já esteja em você. Existem muitas formas de se aproximar, colaborar e somar.

Você é bem-vindo, com o que tem, com o que sente, com o que sabe fazer. No site e nas redes, você encontra caminhos para participar, apoiar e fazer parte dessa travessia viva.

Aqui, cada gesto sincero ajuda a plantar consciência. E tudo o que é plantado com verdade pode florescer. O que importa não é o tamanho do gesto, é a inteireza da presença.

✦ Veja como participar em:

www.iluminabrasil.org/junte-se